

O *ETHOS* NA MENSAGEM DO SECRETÁRIO FLÁVIO ARNS

Irani Batista de Araújo *
Ivo José Dittrich **

Resumo: Tendo como base teórica os estudos da retórica/argumentação, o artigo se propõe a analisar o *ethos* do Secretário de Estado da Educação do Paraná, Flávio Arns, no pronunciamento transmitido (vídeo) para os profissionais vinculados à Secretaria de Estado da Educação no início do ano letivo de 2013¹. A análise enfatiza as categorias apontadas por Charaudeau (2008), especificamente os *ethé* de sério, virtuoso e de competência. Pretende-se também evidenciar as características próprias de persuasão do orador político.
Palavras-chave: Credibilidade. Educação. *Ethos*.

THE *ETHOS* IN THE MESSAGE FROM SECRETARY FLÁVIO ARNS

Abstract: Based on the rhetoric/argument studies, the article proposes the analysis of the *ethos* from State Secretary of Education from Paraná, Flávio Arns, at pronouncement broadcasted (video) to the professionals bound to the State Secretariat of Education at the beginning of the academic year of 2013. The analysis emphasizes the categories indicated by Charaudeau (2008), specifically the *ethé* of serious, virtuous and of competence. It has also the intention of evidencing the own characteristics of persuasion of the political speaker.
Keywords: Credibility. Education. *Ethos*.

Retórica e argumentação

A retórica como a arte do falar bem é entendida, neste trabalho, como a arte do discurso confiável. Nasceu na Sicília grega por volta de 465 a.C., após a expulsão dos tiranos. Sua origem é judiciária. Como não havia advogados, era preciso dar aos litigantes um meio de defender sua causa nas câmaras de registro (os tribunais). Aristóteles “[...] reabilitou a retórica ao integrá-la numa visão sistemática do mundo.” (REBOUL, 2000, p. 43), como também atribuiu à retórica um papel modesto, mas indispensável no mundo de incertezas e de conflitos. Para o mesmo autor, os sofistas criaram a retórica como arte do discurso persuasivo. É aos sofistas que a retórica deve os primeiros esboços da gramática. Segundo Reboul (2000), foram os primeiros pedagogos, e o objetivo de sua educação era capacitar os homens “[...] a governar bem suas casas e suas cidades.” (REBOUL, 2000, p. 44).

De maneira geral, no universo da retórica, é necessário que se tenha um objetivo claro e que se busque uma aceitação dos ouvintes (auditório) mostrando-se sensato, sincero e simpático. “Sensato: capaz de dar conselhos razoáveis e pertinentes. Sincero: não dissimular o que pensa nem o que sabe. Simpático: disposto a ajudar seu auditório.” (REBOUL, 2000, p. 48). Nesse sentido, pode-se

dizer que a argumentação como processo discursivo:

[...] corresponde ao conjunto de argumentos que não só sustentam a tese avançada, mas que a tornam interessante e passível de ser assumida pelo auditório, sem esquecer-se das suas implicações em relação ao jogo de poder num discurso dessa natureza. (DITTRICH, 2008, p. 93).

Na verdade, “argumentar é a arte de convencer e persuadir”, e, etimologicamente, convencer significa: vencer junto com o outro (com + vencer) e não contra o outro. Convencer pode também ser a construção de algo no campo das ideias. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Ou seja, ao persuadirmos alguém, esse alguém realiza o que desejamos que realize. Contudo, segundo Abreu (2009), às vezes, conseguimos convencer as pessoas, e não persuadi-las.

Para Reboul (2000, p. 62), as regras da oratória são: 1ª) a da conveniência; 2ª) a da clareza (adaptação ao auditório); e, a 3ª) diz respeito ao orador que, segundo o autor no discurso, deve ser colorido, caloroso, aberto, dinâmico, imprevisto, engraçado, enfim vivaz! Segundo o mesmo autor, a vivacidade é capital para o *ethos*, pois torna o discurso marcante, agradável, cativante e autêntico que resulta da interação de vários fatores: *ethos* pré-discursivo, discursivo, dito por meio de metáforas ou de alusões a outras falas. Assim, ao lado do *ethos*, outra estratégia retórica permeia o discurso persuasivo: é o *pathos*, descrito por Reboul (2000) como “[...] o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso.” (REBOUL, 2000, p. 48). Dessa maneira, pode-se pontuar que o *pathos* está ligado aos sentimentos emotivos do auditório para com as ideias expostas no discurso que ouvem ou leem. De qualquer modo, é um recurso persuasivo utilizado pelos oradores a fim de convencer e manter a atenção do auditório, além de despertar suas emoções no sentido da aceitação.

Ainda fazendo uso das palavras de Reboul (2000), o *logos* “[...] diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso.” (REBOUL, 2000, p. 49). De maneira geral, trata-se, porém, de três estratégias argumentativas que se acentuam alternativa e diferenciadamente em diversos discursos que dependem das preferências de determinados oradores; na verdade, produzir uma imagem de si capaz de convencer o auditório e ganhar sua confiança no discurso proferido. Assim, é em função do auditório que o orador construirá uma imagem e uma virtude

necessárias para a construção da credibilidade.

Desse modo, antes de empreender um discurso, é necessário perguntar-se o gênero que convém ao assunto. Os antigos descreviam que o discurso possui três gêneros oratórios: *Judiciário* (qualifica, julga e esclarece os atos, e finaliza com a peroração); o *deliberativo* (é voltado para o futuro, para o coletivo, e tende a optar pela maioria); e o *epidíctico* (inspira vários sentimentos que vão da censura ao louvor, e nem sempre tem a ver com o interesse coletivo). Dos três gêneros, o *epidíctico* é o mais utilizado em circunstâncias sociais pelo orador, porque os fatos são conhecidos pelo auditório e cabe ao orador mostrar sua importância e nobreza. Como enfoca Reboul (2000), “O mérito de Aristóteles foi mostrar que os discursos podem ser classificados segundo o auditório e segundo a finalidade.” (REBOUL, 2000, p. 47). Nesse sentido, é preciso destacar que, para os autores Perelman-Tyketa (1996), o *epidíctico* é persuasivo, mas em longo prazo, porque discorre sobre problemas que não exigem soluções imediatas.

Outro aspecto a ser definido é o gênero, etapa que deve ser seguida pelo orador para encontrar argumentos que mais se adequam ao seu discurso. Mais do que isso, Aristóteles não deixa dúvida ao dizer que “[...] a ação das provas retóricas é solidária, mesmo porque as emoções que sentimos relacionam-se a objetos, momentos, tempos, estados de espírito, idades e atitudes diante do outro que são próprias de uma situação.” (MENEZES, 2007, p. 319). Ou seja, ao apresentar a importância do seu discurso em si, o orador apresenta, também, o seu poder de encantamento (*epidíctico*). O discurso em questão projeta a imagem de um orador/político autoconfiante, determinado e autocentrado, ou seja, voltado para os seus interesses e objetivos, agindo em busca da credibilidade do auditório que o assiste, no caso, os profissionais da educação do estado do Paraná. Seu discurso é apresentado de maneira serena e clara, expressa-se pausadamente com palavras de ânimo, competência e esperança.

No discurso, o orador precisa adaptar-se ao auditório e apresentar uma imagem de si confiável em função das crenças e valores que lhe atribuem aqueles que o escutam. A construção da imagem de si, nada mais é do que construir um autorretrato, detalhando suas qualidades, crenças implícitas, suas competências linguísticas, entre outras. Contudo, se faz necessário saber se são suficientes para construir uma imagem da sua pessoa. Para Amossy (2005, p. 10), os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção da imagem como garantia do sucesso do

empreendimento oratório. Ainda segundo a mesma autora, a questão do *ethos* não se limita somente à autoridade e à confiabilidade de um ou de outro expositor, para ela, “[...] trata-se de mostrar como a narrativa ficcional pode sobrepor diferentes níveis de interação que não se recobrem necessariamente.” (AMOSSY, 2005, p. 22). A mesma autora pontua que o *ethos* influencia comportamentos e opiniões, e que, ampliando a compreensão da noção de *ethos*, há possibilidade de relacioná-lo à questão de determinado grupo que, por sua vez, é definido em termos étnicos, políticos, econômicos e sociais.

Contextualização do discurso

A partir dos estudos realizados na Disciplina de Retórica e Democracia, optou-se por analisar as estratégias retóricas de natureza persuasiva do orador na conquista do auditório. Vale lembrar que o discurso – objeto deste artigo – é proferido aos profissionais vinculados à Secretaria de Estado da Educação do Paraná na Formação Continuada que acontece todo início de semestre letivo, em específico o discurso do início do ano letivo de 2013. O evento está incluso no calendário escolar e é comum iniciar com o pronunciamento do Governador do Estado, Carlos Alberto Richa (conhecido como Beto Richa) e do Secretário Flávio Arns, desejando a todos um retorno às atividades escolares com “ânimo renovado” para o desafio contínuo com a educação dos jovens do Paraná.

Flávio Arns é natural de Curitiba, foi eleito vice-governador (2010) e nomeado Secretário de Estado da Educação do Paraná na atual gestão; já foi eleito Deputado Federal e Senador; é formado em Letras pela PUC-PR e em Direito pela UFPR, da qual se tornou professor. Concluiu Mestrado em Letras (UFPR) e obteve título de PhD pela Universidade Northwestern, Estados Unidos, em Linguística, tendo como área de concentração linguagem e comportamento. Frente à Secretaria de Estado da Educação, o Secretário define como meta e objetivo dar prioridade à educação básica e profissional visando melhorias das condições de vida da população com a colaboração dos municípios, primando pela qualidade dos resultados.

O *Ethos* no discurso do secretário Flávio Arns

É importante destacar que a sociedade moderna vivencia um momento no

qual as relações humanas e as instituições (escolas/empresas) podem contribuir para que haja um convívio harmônico entre seus integrantes. Em tempos de transformações tecnológicas, econômicas, políticas e sociais, as relações interpessoais “exigem” nova prática, novo olhar e compreensão das peculiaridades de cada situação vivenciada. A educação que, no contexto contemporâneo, tem o papel de incentivar as pessoas para mudanças significativas, necessita elaborar ações concretas que possam se efetivar como instrumentos importantes para a construção de uma nova perspectiva, pautada no respeito pelas diferenças e na superação de preconceitos, almejando a formação de uma sociedade mais fraterna e igualitária.

É viável enfatizar que a escola, atualmente, passa por um momento crítico no contexto pedagógico: currículos desatualizados/descontextualizados, desvio de verbas públicas, péssima remuneração dos profissionais da educação e abandono dos prédios públicos, ou seja, prédios pobres, sujos, degradados, onde ninguém quer estar – nem aluno, nem professor – o que sugere o aluno não ter estímulo, evadir ou desistir dos estudos antes de completar o ano letivo. Nesse sentido, a professora e pesquisadora Elis Palam Priotto pontua que “os mesmos cidadãos excluídos do direito à habitação, ao emprego, à saúde [...] são também, excluídos do processo educacional em forma de reprovações, sucessão de abandonos e retornos e, por fim, a exclusão definitiva.” (PRIOTTO, 2011, p. 100). Desta maneira, formam-se os ciclos das desigualdades em decorrência da baixa escolaridade que, como consequência, gera o desemprego e a falta de qualificação profissional, tornando-os mais vulneráveis socialmente.

De maneira geral, há uma descrença em relação à eficácia de políticas públicas (pedagógico/institucional) e a qualificação, pois a mesma não tem instrumentalizado os educandos para se tornarem sujeitos críticos, criativos e capazes de realizarem transformações significativas individuais e coletivas na sociedade em que estão inseridos. Acredita-se, porém, que seja possível a escola ser transformada no sentido de provocar mudanças que promovam uma reorganização na sua estrutura global de desenvolvimento. Mesmo com todo avanço nos campos científico e tecnológico, a escola precisa continuar sendo credenciada enquanto meio de ascensão social. O discurso educativo, assim como o *epidíctico*, valoriza a criação, tem certa disposição para a ação e tende a modificar um estado das coisas pré-existentes.

A adesão provocada pelo discurso sempre pode ser reforçada. É nessa perspectiva de adesões aos valores que o discurso *epidíctico* é significativo e importante para a argumentação. A argumentação do discurso *epidíctico* se propõe a aumentar a intensidade da adesão de certos valores. O orador procura criar uma comunhão em torno de valores reconhecidos pelo auditório, utilizando-se de meios de que a retórica dispõe para ampliar e valorizar. É na argumentação *epidíctica* que são apropriados todos os procedimentos da arte literária, ou seja, é o gênero que se faz pensar na literatura.

Para ilustrar melhor, Amossy (2005) descreve o *ethos* prévio como sendo a imagem pré-existente do locutor e o *ethos* discursivo a imagem que ele constroi no discurso que profere. Assim, o orador, ao apresentar seu discurso, deve construir uma imagem de si que seja equivalente a seu objetivo argumentativo, considerando a ideia que o auditório projeta dele. Para a autora, “[...] o *ethos* prévio ou pré-discursivo condiciona a construção do *ethos* discursivo e demanda a reelaboração dos estereótipos desfavoráveis que podem diminuir a eficácia do argumento.” (AMOSSY, 2005, p. 248).

De qualquer modo, o político – no caso Flávio Arns – precisa despertar a simpatia e adesão do público (auditório), a partir de um discurso que contemple a imagem de que pareça “digno de fé” perante o imaginário coletivo. Para tanto, ele necessita inspirar confiança, admiração e evocar emoções nos seus interlocutores. Por este motivo, utiliza diferentes estratégias discursivas para apresentar-se fidedigno ao público. Flávio Arns, para construir sua imagem de pessoa merecedora de credibilidade, inicia seu discurso com uma tentativa de aproximação com o auditório por meio dos vocativos “caros amigos e amigas”. Além de ficar clara sua intenção de agradar os profissionais da educação por meio de elogios, parece fazer o convencimento dos seus argumentos ocorrerem de forma discreta. É viável lembrar que o uso de uma linguagem acessível ao auditório, também representa uma estratégia do orador para adequar seu discurso aos ouvintes que compunham seu auditório.

Ainda relacionado ao *ethos* de credibilidade, Charaudeau (2008) enfatiza como sendo o resultado da construção de uma identidade discursiva elaborada pelo sujeito falante, realizada de maneira específica que os outros o julgam como digno de crédito. E, para ser digno de crédito, o sujeito fabrica uma imagem que seja condizente com a aceitação de quem o ouve. Por isso, ser crível é mostrar ou

apresentar algo de que tem esse poder. É o que profere o proponente ao apresentar a nova Superintendente da Secretaria de Estado da Educação, a professora Eliane Terezinha Vieira Rocha, a qual descreve como “profissional experiente”, marcando sua admiração pela apresentada e “clamando” por confiança, como se dissesse: “confiem em mim, pois sei o que digo”, pois, “vocês sabem que sou um homem sério, merecedor de credibilidade”. Essa linguagem na retórica se define como ethos prévio, que diz respeito à imagem preexistente do orador, porque se destina a credenciar que: “A confiança é o ingrediente essencial, e ao mesmo tempo o mais frágil, da comunicação entre os homens.” (BERTRAND, apud DITTRICH, 2009, p. 71).

O principal ponto a ser destacado no discurso político é a credibilidade como elemento essencial, pois o desafio é conseguir persuadir determinado público de que se tem certo poder. Contudo, essa credibilidade deve satisfazer, ao mesmo tempo, três condições: a sinceridade obriga a ser verdadeiro; o desempenho anuncia decisões e promessas; e a eficácia obriga a apresentar resultados positivos. Assim, o político, para atender a essas condições, se esforça para construir para si o *ethos* de sério, de virtuoso e de competente (CHARAUDEAU, 2008). Desse modo:

[...] a credibilidade não é uma qualidade ligada à identidade social do sujeito. Ela é, ao contrário, o resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, realizada de tal modo que os outros sejam conduzidos a julgá-lo digno de crédito. (CHAREAUDEAU, 2008, p. 119).

No que se refere ao *ethos* de “competência”, Charaudeau (2008) nos diz que exige do sujeito, ao mesmo tempo, saber e habilidade. O orador precisa ter conhecimento amplo da atividade que exerce e deve provar que tem meios, poder e experiência suficientes para atingir seus objetivos e obter resultados positivos. Os políticos, de maneira geral, devem conhecer a organização da vida política para saberem agir de maneira eficaz. Geralmente, evidenciam acontecimentos de seu percurso para evocar o *ethos* de “competência”: herança, estudos, funções exercidas, experiências válidas, entre outros. Desse modo, exercitam o bem falar através da ajuda de vários procedimentos semiológicos, mas que possuem características de vocalidade: um tom de voz considerado normal – nem forte, nem fraco; uma dicção lenta, mas sem parecer “professoral” – sem infantilizar; um ritmo compassado – sem artificialidade; uma boa articulação das sílabas pronunciadas –

evitar excessos. (CHARAUDEAU, 2008, p. 169).

Há também um lado otimista, em que o orador transforma facilmente valores universais em verdades eternas. Percebe-se que, ao falar do início do ano letivo, Flávio Arns enfatiza com otimismo as realizações iniciais que serão efetivadas no ano letivo de 2013:

[...] com um novo concurso público para contratar professores e pedagogos. Além disso, as escolas estão recebendo mobiliário novo, fogões, fornos, laboratórios, tratores e outros equipamentos. Nossas merendeiras receberão, pela primeira vez, um conjunto com avental, jaleco, botas e luvas, para proteção individual. E além dos fogões, terão fornos industriais, que vão proporcionar novas possibilidades na preparação da merenda escolar. (ARNS, 2013).

Percebe-se uma tendência focada no *ethos* de “*competência*”, que descreve Charaudeau (2008) quando faz referência aos políticos no sentido de mostrarem em seus pronunciamentos todas as engrenagens para agirem de maneira eficaz, as quais requerem uma invocação de herança, estudos, funções exercidas e experiência adquirida. E ainda que:

O *ethos* de “*competência*” exige de seu possuidor, ao mesmo tempo, saber e habilidade: ele deve ter conhecimento profundo do domínio particular no qual exerce sua atividade, mas deve igualmente provar que tem os meios, o poder e a experiência necessários para realizar completamente seus objetivos, obtendo resultados positivos. (CHARAUDEAU, 2008, p. 125).

Em relação à confiança e legitimidade da tese, pode-se chamar de argumentos credenciadores as justificativas apresentadas pelo proponente que se mostra merecedor da confiança de seu auditório. É o que se conhece na retórica apresentada pelo orador que é compreendida por Platin (*apud* DITTRICH, 2009, p. 70) como “*ethos tematizado*”, ou seja, quando o assunto do discurso passa a ser a própria pessoa que o enuncia, mesmo que seja de maneira ampla socialmente, e não seja bem aceito falar de si mesmo. Contudo, as “[...] estratégias de legitimação são aquelas que objetivam acentuar as dimensões de poder e direito à palavra de quem produz o enunciado [...], a construção de uma posição de legitimidade aos olhos do interlocutor.” (DITTRICH, 2009, p. 74). Neste sentido, o termo legitimidade de linguagem comum possui dois sentidos: um genérico – legitimidade no sentido de justiça ou de racionalidade (decisão, atitude); e um específico que está relacionado

aos atos que visam justificar uma ação.

Na sequência do pronunciamento, o proponente fala das melhorias que serão implantadas no ano de 2013 em termos de estrutura física, pedagógica e tecnológica. Aos poucos, se percebe mudanças lentas no processo educacional do país, mas sabe-se que é preciso muito mais do que está sendo proposto para que haja uma educação de qualidade e que atenda às necessidades da população, principalmente, a que frequenta a escola pública. Porém, há de se considerar que é significativa:

A implantação de novas tecnologias para a educação, com a entrega de tablets para professores, e o início do projeto-piloto do programa “Sala de Aula Conectada - Paraná”. Também daremos continuidade ao Programa de Descentralização de Recursos, com a proposta de atender mais 500 escolas neste ano, com recursos para reformas. Já anunciamos a liberação de recursos para a construção de 18 novas escolas, que beneficiarão diversas regiões do Estado, permitindo a expansão da oferta de educação (...); vamos expandir as parcerias na Educação Profissional, nas atividades de contraturno e ensino em tempo integral (...); será um momento de reflexão, quando a comunidade escolar estará reunida para pensar em soluções para os principais desafios que precisam ser superados para garantir uma educação de qualidade nas escolas públicas do Paraná. (ARNS, 2013).

O discurso *epidíctico* apelará com mais facilidade a uma ordem universal, na qual os valores são julgados incontestáveis. Têm por objetivo aumentar a intensidade de adesão do auditório e do orador em torno de valores – a comunhão em torno de valores é uma finalidade que persegue e será sempre posta à prova. Assim, considerando que o discurso é uma prática social e que o político, como representante do povo, precisa demonstrar credibilidade nas palavras, não seria de maneira diferente que o proponente² encerrasse seu discurso dessa maneira: “*Como vocês podem ver, teremos um ano de muitas novidades e desafios. Assim, convidamos a realizarmos um bom trabalho e, juntos, colhermos os frutos*”. Portanto, cabe esperar para constatar se os compromissos assumidos no seu pronunciamento serão, pelo menos, parcialmente concretizados.

Considerações finais

A retórica como teoria da argumentação mantém seus princípios básicos na sistematização aristotélica. E, como descreve Dittrich (2009), “[...] os fundamentos

tridimensionais da persuasão, constituídos a partir de suas provas retóricas (písteis), o *ethos*, o *logos* e o *pathos*, ainda hoje são considerados basilares na análise de discursos sob a perspectiva retórica.” (DITTRICH, 2009, p. 85). Dentre as três dimensões integradas e configuradas existentes, pode-se destacar a ética (ou política) vinculada ao *ethos* descrito neste trabalho, por se tratar de um discurso elaborado por um político “influyente”³, mas que se esforça para manter sua credibilidade enquanto gestor/político diante dos cidadãos – auditório.

Ao mesmo tempo em que se tem um avanço tecnológico que “aproxima” e fornece informação atualizada, as pessoas (cidadãos) almejam construir um mundo melhor. Na caminhada dessa construção, procuram um referencial para se espelhar e o político que passa traços pessoais de caráter e de credibilidade a quem se dirige é um bom espelho, pois o cidadão tem a tendência de fundar sua identidade na do político. Contudo, Charaudeau (2008) evidencia que “[...] no discurso político, as figuras do ethos são ao mesmo tempo voltadas para si mesmo, para o cidadão e para os valores de referência. É assim com os ethé de credibilidade, e também, com os de identificação extraídos do afeto social.” (CHARAUDEAU, 2008, p. 137). É com discurso politicamente elaborado que o proponente Flávio Arns encerra seu pronunciamento como quem quer dizer “eu convidei a todos para colhermos juntos os frutos”, ou seja, se não houver resultados positivos é porque o auditório (os profissionais da educação) não se esforçou o suficiente, mas ele sim, e sozinho não conseguiria realizar o que propôs, e talvez, por isso, recorra a argumentos que colaborem para legitimar seu projeto argumentativo.

Notas

* Irani Batista de Araújo é mestre pelo Programa *Stricto Sensu* Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE/Campus de Foz do Iguaçu, graduada em Pedagogia Licenciatura Plena (UFRN), pós-graduada em Alfabetização (Amparo/SP) e em Métodos e Técnicas de Ensino (UTFPR). E-mail: irany_52@hotmail.com

** Ivo José Dittrich é doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2001). Atualmente é professor associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE e do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação *stricto sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE/Campus de Foz do Iguaçu. E-mail: dtrch@unioeste.br

¹ Mensagem do secretário de educação Flávio Arns: Caros amigos e amigas, profissionais da educação: Damos início a mais um ano letivo nas escolas públicas. Espero que todos estejam com o ânimo renovado para o desafio contínuo que temos com a educação dos nossos jovens. Começamos com a Semana Pedagógica que será conduzida pela Professora Eliane Terezinha Vieira Rocha, nossa nova Superintendente da Educação. É

uma profissional experiente que possui excelente formação: doutorado na área de Gestão da Educação e Formação Escolar, e conhece bem o ambiente da Secretaria da Educação como professora e ex-chefe de Núcleo, tendo tido um bom trabalho voltado à educação também em outros órgãos do Estado. O ano letivo inicia, também, com um novo concurso público para contratar professores e pedagogos. Além disso, as escolas estão recebendo mobiliário novo, fogões, fornos, laboratórios, tratores e outros equipamentos. Nossas merendeiras receberão, pela primeira vez, um conjunto com avental, jaleco, botas e luvas para proteção individual. E, além dos fogões, terão fornos industriais, que vão proporcionar novas possibilidades na preparação da merenda escolar. Teremos, ainda, a implantação de novas tecnologias para a educação com a entrega de tablets para professores, e o início do projeto-piloto do programa “Sala de Aula Conectada - Paraná”. Também daremos continuidade ao Programa de Descentralização de Recursos, com a proposta de atender mais 500 escolas neste ano com recursos para reformas. Já anunciamos a liberação de recursos para a construção de 18 novas escolas que beneficiarão diversas regiões do Estado, permitindo a expansão da oferta de educação. Outra novidade são os Centros Estaduais de Educação Profissional, em construção nas diversas regiões do Estado. Vamos expandir as parcerias na Educação Profissional, nas atividades de contraturno e ensino em tempo integral. Tudo isso está alinhado ao projeto pedagógico que será debatido nesta Semana Pedagógica que, como afirma a Professora Eliane Terezinha Vieira Rocha, será um momento de reflexão, quando a comunidade escolar estará reunida para pensar em soluções para os principais desafios que precisam ser superados para garantir uma educação de qualidade nas escolas públicas do Paraná. Como vocês podem ver, teremos um ano de muitas novidades e desafios. Assim, convido-os a realizarmos um bom trabalho e, juntos, colhermos os frutos. (ARNS, 2013, p. 2).

² Quem apresenta uma proposta, uma tese, etc. (ABREU, 2009).

³ Pessoa que exerce influência, poder, prestígio, etc. (ABREU, 2009).

Referências

ABREU, Antônio S. **A Arte de Argumentar: Gerenciando a Razão e Emoção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005.

ARNS, Flávio. **Mensagem do secretário de educação Flávio Arns**. Disponível em: <www.educacao.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=4108>. Acesso em: 03 mar. 2016.

_____ **Biografia de Flávio Arns**. Disponível em: <www.educacao.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=1997>. Acesso em: 03 mar. 2016.

CHARAUDEAU, P. O ethos, uma estratégia do discurso político. In: **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 113-137.

DITTRICH, Ivo J. Ampliando a noção de ethos: argumentos credenciadores e legitimadores. In: LOPES, Fernando L.; SACRAMENTO, Igor. (orgs.). **Retórica e Mídia**. Florianópolis: Insular, 2009, p. 65-87.

_____ Por uma teoria retórica do discurso: princípios teórico-metodológicos. **Revista Ideação**, v. 10, n. 2, p. 91-116. 2º Sem/2008.

MENEZES, William Augusto. Um pouco sobre as emoções no discurso político. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (Orgs.). **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 330-327.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação**. A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PRIOTTO, Elis Palma. **Violência escolar**: políticas públicas e práticas educativas no município de Foz do Iguaçu. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

REBOUL, O. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Recebido em: dezembro de 2014.

Aprovado em: março de 2015.